

ISSN 1980315-X



Impresso
Especial

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

CORREIOS

ADverso

Nº 158 - Julho / 2008

Adufrgs anos

Professores se encontram para recordar o passado, celebrar o presente e projetar o futuro. Antes do baile, que reuniu quase 400 pessoas na Sogipa, foi lançada a segunda edição do livro "Universidade e Repressão - Os Expurgos na UFRGS".

*Ser sócio
da Adufrgs
é estar
coberto de
vantagens*



São mais de 100 estabelecimentos conveniados nas mais diversas áreas
Para mais informações consulte a página eletrônica da Adufrgs

www.adufrgs.org.br

E se ainda não tem a carterinha de sócio,
procure a secretaria da Adufrgs e peça já a sua.

ADufrgs 30
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS
1978 - 2008

ADufrgs 30
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS
ANOS

Seção Sindical da Andes-SN
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>

Diretoria

Presidente: Eduardo Rolim de Oliveira
1º vice-presidente: Cláudio Scherer
2º vice-presidente: Lúcio Hagemann
1º secretário: Lúcio Olímpio de Carvalho Vieira
2º secretária: Maria Luiza A. Von Holleben
1º tesoureiro: Marcelo Abreu da Silva
2º tesoureira: Maria da Graça Saraiva Marques
1º suplente: Mauro Silveira de Castro
2º suplente: José Carlos Freitas Lemos

ADverso

Publicação mensal impressa em
papel Reciclato 75 gramas
Tiragem: 4.500 exemplares
Impressão: Comunicação Impressa
Produção e edição: Editora Verdepero Ltda.
Editor: Maricélia Pinheiro (MG 05029 JP)

ISSN 1980315-X



Reportagem: Maricélia Pinheiro,
Clarissa Pont e Zaira Machado (7812)
Fotos: Clarissa Pont (13302)
Ilustrações: Mario Guerreiro
Capa: Marcos Guimarães
Projeto Gráfico: Marcos Guimarães
Assistente de Arte: Tomaz Pivetta

Começa uma nova caminhada

A política sindical no Brasil sopra ventos novos em nossos rostos. Correntes de ar agitadas que não nos dão descanso. Somos obrigados a nos recompor constantemente. O que essa agitação atmosférica ainda nos reserva? A Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Adufrgs) tem resistido a tufões e tempestades. Mas parece que nos últimos anos as coisas têm se acelerado, fazendo com que apressemos nossos passos e tomemos decisões muito difíceis, mas visceralmente necessárias.

Quem tem vivenciado o movimento docente em nível nacional tem uma certeza: o modelo político-democrático da Andes não nos serve. Aqueles que participam há mais de 15 anos dos congressos e conselhos nacionais das Associações de Docentes certamente têm essa certeza. Nunca fomos escutados nesses fóruns de nossa representação sindical nacional. A Adufrgs nunca teve condições de fazer com que os anseios de sua base chegassem aos ouvidos dos colegas da organização do sindicato nacional assim como esteve organizado. Diretorias nacionais com linhas e cores políticas fortemente partidarizadas têm dado um rumo muito diferente das pretensões de uma parte considerável dos professores do Rio Grande do Sul e muitos outros colegas professores de diversos outros estados.

É chegado o momento de reunirmos nossas forças e atuarmos como um corpo coeso e coerente. Não é hora de rupturas, fragmentações e dissonâncias. A nossa festa dos 30 anos da Adufrgs foi um belo exemplo disso. Estávamos todos lá, representantes das posições políticas mais diversificadas. Um encontro que, sem dúvida, ficará na história. Sem medo de errar, a melhor festa da Adufrgs dos últimos dez anos. A emoção dos depoimentos e discursos de nossos antigos colegas, que estiveram à frente da entidade na época da repressão militar, se misturou à alegria das amizades testadas, refeitas e iniciadas.

Nosso tempo é um tempo de requisição de todas as cabeças para indicar o rumo que a Adufrgs tomará no cenário sindical nacional dos próximos anos. A saída são sindicatos locais e uma federação nacional que os coordene? Queremos que nossa base responda. No entanto, não devemos parar de amadurecer a discussão política e jurídica. Devemos fazer avançar nosso projeto de sindicato. Que seja um sindicato que realmente possa nos representar e defender nossas aspirações perante o governo federal. Todos os cuidados e estratégias de viabilização devem ser aventados. Mas não esqueçamos que não podemos ficar querendo, temos de agir. Nossa responsabilidade também é a responsabilidade de quem sabe que truncar tudo e engessar as ações será a nossa "morte sindical".

As batalhas políticas e jurídicas não serão fáceis. Mas se as ações da Adufrgs, representada por sua Diretoria, tiverem o apoio de sua base, qualquer embate futuro valerá a pena. É sempre um prazer lutar por um consenso. E concordâncias lúcidas nascem da riqueza das experiências democráticas. Que não requerem apenas sacudir a inércia e a mornidão de nossos cotidianos nas faculdades, escolas e institutos. A democracia reclama, em todas as suas insurgências, coragem.

Parabéns à Adufrgs nos seus 30 anos, parabéns aos professores que se alegraram reciprocamente em sua confraternização de aniversário e parabéns aos corajosos de coração e espírito.

José Carlos Freitas Lemos

Diretoria da Adufrgs

ÍNDICE

04 SEGURIDADE SOCIAL

05 ENTREVISTA

"Os Pontos energizam o processo cultural e constroem a cidadania"

Sérgio Mamberti,
Secretário de Identidade e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura

08 VIDA NO CAMPUS

10 ARTIGO

Ambiente e crise civilizacional:
o homem no limiar da vida
por **Plauto Faraco de Azevedo**

13 CENTRAL

Adufrgs 30 anos

A festa do passado, do presente e do futuro

18 NOTÍCIAS

19 OBSERVATÓRIO

20 PRESTAÇÃO DE CONTAS

21 CONVÊNIOS

22 NAVEGUE

23 ORELHA

24 HIPERMÍDIA

Auditório Araújo Vianna
Música e luta no parque

26 +1

27 A HISTÓRIA DE QUEM FAZ

O aposentado e as exigências de mercado

Joacy de Abreu Faria *

Sempre que me indagam se é importante que o aposentado desenvolva atividade inerente ao desempenho de sua vivência, notadamente quando ele se dedicou à educação profissionalizante – segmento vital para o nosso País e que vem, mais uma vez, a ser cogitado no momento em que se faz sentir a crônica falta de qualificação – costumo classificá-lo em três classes ou categorias:

1. A primeira é constituída por aquele que, após mourejar por trinta ou mais anos, não admite voltar ao batente, dedicando-se a viagens, à leitura, ou participando de grupos de terceira idade ou, ainda, simplesmente não fazendo nada. Merece ser respeitado.

2. A segunda, constituída por aquele que prossegue no âmbito de sua técnica, entusiasmado com sua microempresa, dando ainda sua contribuição ao processo de desenvolvimento e não admitindo, de forma alguma, encerrar a sua atividade. Elogiável iniciativa.

3. A terceira, em cujo rol me incluo, faz parte daquele que precisa estar sempre em contato com problemas emergentes, não tanto por motivação financeira, mas por necessidade de colaborar com clubes de serviço ou com instituições assistenciais, emprestando apoio às comunidades periféricas.

Surgem, então, indagações com respeito ao aproveitamento do aposentado na tarefa de encaminhar pessoas, principalmente jovens ao mercado de trabalho:

Dispor-se-ia ele em, mais uma vez, colaborar, mesmo considerando as modificações operadas no processo de produção? Teria, é lógico, de reatualizar-se no concernente às novas tecnologias, o que não lhe seria difícil, mercê da experiência exercida ao longo dos anos. Vem, então, a pergunta crucial: É desempenho exclusivo da escola a preparação de profissionais para o dia-a-dia?

É de evidenciar que o desempenho da escola é fundamental para o preparo adequado do profissional, justamente em época na qual contamos com centros de notória excelência

voltados para o processo produtivo. Infelizmente ainda em número insuficiente para dar conta do grande contingente de pessoas ansiosas por se preparar para fazer frente às necessidades da empresa. Se as unidades integrantes do sistema oferecem já, em parceria com empresas interessadas, cursos de nível universitário, salientamos, por justiça, que, apesar de sua invejável capacidade instalada, vêm-se elas tolhidas em admitir mais do que realizam nos níveis iniciais de sua atividade (aprendizagem e qualificação).

Se, entretanto, retornarmos às origens do trabalho, vem a lembrança das legendárias corporações de ofício, por meio das quais, no passado, jovens e adultos se valiam da habilidade de profissionais e, por imitação, logravam tornar-se qualificados. Nesse particular é que intervém, a nosso ver, a participação do aposentado, que, com sua experiência, contribuiria efetivamente com aqueles que buscam meios de sobrevivência condigna e que jamais poderiam ser atendidos pelos estabelecimentos existentes tanto na área privada como no sistema oficial.

Atualmente, pela falta de oportunidade, muitos talentos se perdem por falta de orientação, descambando para as drogas, para a marginalização e – como é penoso reconhecer – engrossando a já crescente onda de criminalidade. Torna-se imperioso, assim, que as associações de aposentados se disponham a dar tão importante auxílio, possibilitando que o indivíduo iniciado profissionalmente “por imitação” venha, após, a freqüentar a escola para ampliar o leque de seu aprendizado. Pois, incorporado ele ao mundo do trabalho, de fundamentação tecnológica necessitarão os ensinamentos obtidos “por ver fazer” para assegurar o seu êxito profissional. Impõe-se, em conclusão, ter em mente que a maior de todas as mudanças é certamente a concepção de escola – instituição a ser freqüentada pelo resto de nossas vidas, por reconhecermos que não passamos de eternos aprendizes.

* Professor aposentado do Instituto de Matemática da Ufrgs

SÉRGIO MAMBERTI

“Os Pontos energizam o processo cultural e constroem a cidadania”

A afirmação sobre os Pontos de Cultura do Governo Federal é de Sérgio Mamberti, ator e diretor que já foi Hamlet, de William Shakespeare, em 1984, e, Argan, em *Tartufo*, de Molière, no ano seguinte. Hoje, ocupa o cargo de secretário de Identidade e Diversidade Cultural.

Enfrentar os riscos de empobrecimento de nossa diversidade cultural como política pública faz parte de um interessante quebra-cabeça montado pelo Ministério da Cultura desde o início do Governo Lula. Peças como economia solidária e produção cultural regional vêm se encaixando em espaços como os Pontos de Cultura, espalhados pelo País. À frente da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, está o ator e militante político Mamberti que, em entrevista à *Adverso*, fala da importância do Brasil ter ratificado, em 2007, a Convenção de Diversidade e sobre ações estratégicas como o projeto *Vidas Paralelas*, que contará a vida dos trabalhadores e das centrais sindicais através de trocas de experiências entre trabalhadores de todo o País. Para ele, as iniciativas mais importantes são equacionar os desafios trazidos pela globalização, reafirmar o vínculo entre cultura e desenvolvimento e fortalecer o processo que reúne criação, produção, distribuição e acesso às atividades, bens e serviços culturais. Tudo muito lógico, mas parte de um trabalho árduo, que, no final, é a formulação de uma política pública cultural para todo o País.

por Clarissa Pont

Adverso – De que forma os Pontos de Cultura são espaços públicos que contribuem para a construção da cidadania?

Sérgio Mamberti – Os Pontos de Cultura são uma das políticas mais bem sucedidas do MinC, justamente porque oportunizam as iniciativas da sociedade e criam condições e estrutura para que floresçam as atividades que são desenvolvidas nessas comunidades ou em pequenas prefeituras. Hoje, os Pontos estão bastante diferenciados: tem o Pontinho que é para criança e os Pontões, que são centros de difusão. Ou seja, é uma política que, dentro do Projeto Mais Cultura, um investimento de R\$ 4,7 bilhões do Governo, vai ser potencializada. Espera-se atingir 20 mil Pontos. Eu acho que talvez seja uma meta muito ambiciosa, mas de qualquer maneira a potencialização será efetiva e o Mais Cultura vai entrar num processo de deslanchar mesmo. Eu trabalho na Secretaria da Identidade e da Diversidade com culturas indígenas, culturas populares, ciganos e para todos esses seguimentos normalmente alijados de políticas públicas de cultura. Principalmente em relação à afirmação identitária e ao fortalecimento da nossa diversidade. Eu acredito que os Pontos de Cultura são cada vez mais centros importantíssimos de energização do processo cultural e de construção da cidadania. Hoje, eles existem até no exterior.

Adverso – O que a Secretaria destaca do trabalho já realizado?

Mamberti – A Secretaria da Identidade e da Diversidade é uma experiência única no mundo. Temos feito um trabalho de empoderamento, de protagonismo em relação a esses segmentos. Temos construído todas as nossas políticas a partir daquilo que a sociedade propõe, o que tem sido extremamente prazeroso. Eu tenho participado das reuniões da Conferência de Diversidade Cultural na França, preocupado com a implementação. A nossa Secretaria já começou a aplicar os princípios da convenção antes dela ter sido aprovada.

Nós temos políticas públicas para as culturas indígenas, um grupo de trabalho que já produziu inclusive um documento orientador da forma que a gente vem conduzindo as políticas de valorização da cultura indígena. Fizemos, com o patrocínio da Petrobras, um projeto permanente de incentivo à cultura. Atingimos grande parte dos 227 povos indígenas do País. Foram cento e tantos no primeiro edital, com mais de 400 propostas e 82 foram premiadas. A entrega dos prêmios aconteceu em São Paulo, com a presença de 82 etnias e rodas de conversa, quando se formou um espaço para trocas de experiências. Agora, no segundo edital, foram 754 propostas e atingimos praticamente 187 povos. No próximo, a gente vai atingir todos. O projeto deste ano é uma iniciativa de circulação.

Vamos criar cinco mostras regionais que vão circular pelo Brasil todo fazendo com que as populações indígenas do Norte e do Nordeste, do Sul, do Centro-



“Eu espero que a TV pública possa ser o espaço privilegiado para a gente discutir questões como cidadania”

SÉRGIO MAMBERTI



Oeste, todas se conheçam melhor. É um trabalho de trocas e de intercâmbios e também de capacitação de cineastas indígenas junto com a ONG chamada Vídeo nas Aldeias. Nós pretendemos fazer, para 2009, o primeiro documentário indígena e um encontro, uma espécie de festival, sul-americano de cinema indígena.

Adverso – Quais outras programações partem da Secretaria para os povos indígenas?

Mamberti – Esse ano tem uma grande programação que é o encontro dos povos Guarani, em Dourados, naquela situação dramática que existe ali dos povos da América do Sul. O encontro tem apoio da OEA, do Mercosul, da ONU e da Funai e certamente vai ser muito importante. É a primeira vez que os povos Guarani da América se reúnem, Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil, Bolívia e Peru participam, é uma coisa emocionante.

E ainda tem o pessoal LGBT, ciganos, idosos, temos um programa de saúde mental, estamos trabalhando com os pescadores artesanais, com políticas para infância... Temos um trabalho com o Ministério da Saúde também que é em relação à vida dos trabalhadores e às centrais sindicais, chama-se Vidas Paralelas. São trocas de experiências entre trabalhadores de todo o país através da internet. Agora, no segundo semestre, estamos com o Encontro Sul-Americano de Culturas Populares e o Encontro dos Mestres da Cultura Popular. Além da formação dos fóruns de cultura popular estaduais para a criação do fórum nacional. Se vê que é muito difícil elencar tudo. O legal é ver como isso tudo floresceu com o Ministério tendo menos atuação e evidenciando o protagonismo das pessoas na construção dessas políticas.

Adverso – E o Fórum Nacional de TVs Públicas?

Mamberti – A TV pública hoje é uma realidade, e isso é resultado dessa luta. É consequência inclusiva dos movimentos sociais, o Governo assumiu a necessidade de ter um espaço público dentro da televisão justamente para que as pessoas tenham informação menos

comprometida com os grupos econômicos e políticos com os quais a TV comercial está associada. É um processo difícil, apesar de ela já estar instalada. Agora estamos construindo a programação e tem havido um processo de discussão muito aprofundado, mas de muita independência, não é uma emissora chapa branca.

Eu espero que a TV pública possa ser o espaço privilegiado para a gente discutir questões como cidadania. O que não quer dizer absolutamente que a sociedade civil não tenha que estar sempre mobilizada no sentido de justamente intervir quando situações como essa acontecem. Eu fiz parte da luta, por exemplo, que tirou o programa do João Kleber do ar e colocou o direito de resposta dos movimentos sociais. Acho que isso é democracia.

POLÍTICAS AFIRMATIVAS

A Ufrgs é de todos e para todos

O cenário na universidade pública brasileira está mudando, mas nem todo mundo sabe. Principalmente uma parcela significativa dos principais interessados: os alunos da rede pública. Desde que começou o processo de implantação das políticas de ações afirmativas nas universidades, o número de estudantes egressos de escolas públicas vem aumentando, mas ainda é preciso levar as informações necessárias aos desavisados de plantão. "A Ufrgs já não está mais tão distante no horizonte dos estudantes carentes", assegura o coordenador do projeto "Quero entrar na UFRGS", João Vicente Silva Souza, professor do Colégio de Aplicação e doutorando na Faculdade de Educação (Faced).

Desde maio, uma equipe formada por professores, alunos da pós-graduação e graduação da Ufrgs, visitam sistematicamente escolas públicas de Porto Alegre, especialmente as da periferia, para levar maiores informações a professores e alunos sobre o sistema de reserva de vagas da Ufrgs, implantando este ano. São 30% das vagas destinados a alunos da rede pública, sendo metade para afrodescendentes. Mas segundo João Vicente, atualmente cerca de 50% dos estudantes da Universidade são oriundos da rede pública. Isso porque, mesmo antes de instituída a reserva de vagas, já havia um percentual significativo em alguns cursos.

A intenção do projeto, explica ele, é indicar caminhos para entrar na Ufrgs ao maior número possível de alunos do ensino médio das escolas públicas. As ações se concentram nas periferias justamente porque ali está o maior número de jovens com menos perspectivas de ingressar em um curso superior e com maior grau de desinformação. "Parece mentira, mas tem gente que acha que a Ufrgs é uma universidade paga. Durante uma palestra em um curso noturno, um aluno ficou tão surpreso quando soube que a Ufrgs era gratuita que disse: 'Bah, agora eu até me animei!', conta o professor.

Para levar o exemplo até o público-alvo, estão entre os critérios de escolha dos bolsistas que compõem a equipe do "Quero entrar na UFRGS" serem oriundos de escolas públicas e preferencialmente moradores das casas de estudantes, usuários dos Restaurantes Universitários (RUs) e de outros benefícios oferecidos pelo serviço de Assistência Estudantil da Universidade. "Eles são o exemplo concreto de que um aluno carente, oriundo de classe popular, pode estudar na Ufrgs", observa João Vicente.

Em seu relato durante uma visita no Instituto de Educação, Raquel Chites, aluna do curso de Geografia e bolsista do projeto, disse que até o segundo ano do ensino médio não alimentava qualquer esperança de um dia fazer parte do corpo discente da Ufrgs. "Morando no interior e estudando em escola pública, eu achava que não tinha

chances. Não passei na primeira vez, mas consegui na segunda. O importante é persistir", ressaltou. Fernanda Scherer, da Química Industrial, também deu seu depoimento. Ela veio da cidade de Três Passos, mora em uma das casas de estudantes da Ufrgs e batalha dia após dia não apenas para concluir a graduação, mas para ajudar na tarefa de mostrar aos alunos carentes que, com esforço, eles podem sim ingressar na Ufrgs. Especialmente agora, com mais uma porta que se abre: o sistema de cotas.

Rafael Arenhaldt, doutorando da Faced e um dos coordenadores do projeto, disse que o índice de desinformação é muito maior do que se imagina. Através de questionários que são distribuídos nas escolas para alunos, professores e direção, a equipe do "Quero entrar na Ufrgs" está fazendo um levantamento que deve revelar de forma mais clara esse quadro. "Mas o que se sabe, até agora, é que o percentual de alunos que deseja fazer vestibular é maior do que o que professores e direção das escolas imaginam", conta. No entanto, a Ufrgs continua entre as últimas opções. Os motivos basicamente são: a alta concorrência e o fato da maioria dos cursos não oferecer possibilidade de conciliação com trabalho. Mais uma vez, a equipe entra em ação para explicar que, além das cotas, a Universidade está ampliando o número de cursos noturnos e deve passar por uma reforma curricular que terá entre os critérios adequar alguns cursos de maneira que seja possível ao aluno estudar e exercer algum tipo de atividade remunerada.

O que se percebe, segundo João Vicente, é que os professores, ao responderem os questionários, trabalham com a realidade e não para mudá-la. "É preciso criar uma cultura escolar na rede pública do 'eu posso', 'eu consigo'. Isso depende de toda a comunidade, professores, direção, alunos e familiares". Ele revela que em algumas escolas de curso noturno, onde os alunos são geralmente mais velhos e trabalham, a equipe costuma ouvir da direção que seria perda de tempo trabalhar com esses grupos, pois estes "vivem outra

realidade". "Justamente quando ouvimos isso é que fazemos questão de falar", frisa o professor.

Como apenas 20% dos alunos em geral que ingressam na Ufrgs passam no vestibular na primeira vez – outra informação pouco divulgada – a equipe orienta os estudantes a procurar cursinhos populares, onde podem pagar pouco ou até mesmo nada para que possam continuar se preparando e tentar mais uma ou quantas vezes for preciso. "Isso depende apenas de vocês. Não é a família ou os professores que vão dizer se vocês vão passar ou não. São vocês que devem colocar isso como meta e persistir. Nós estamos aqui para indicar os caminhos", explica João Vicente aos alunos. No caso dos do Instituto de Educação ele acrescentou. "A Ufrgs está do outro lado da rua. Basta que vocês atravessem e se apropriem do

espaço, usem a biblioteca, que é gratuita, conversem com quem já está lá", orienta.

Todas as informações sobre o "Quero entrar na Ufrgs", ligado ao "Conexões de Saberes", podem ser obtidas no <http://www.conexoesufrgs.blogspot.com/>. Lá estão contatos dos cursinhos populares que existem em Porto Alegre, links para departamentos da Ufrgs onde se pode obter informações precisas sobre sistema de reservas de vagas, assistência estudantil, vestibular, entre outras. "Meu sonho é no ano que vem, ou no próximo, encontrar algum aluno da Ufrgs que venha me dizer: 'te conheço de uma palestra na minha escola sobre como entrar na Ufrgs'", revela João Vicente, com a voz carregada de emoção.

O que mudou, para ti, em relação às perspectivas de entrar na Ufrgs? *

Fotos Clarissa Pont



"Com relação às cotas eu já havia me informado em outras palestras. O que realmente mudou para mim foi a informação que trouxeram de que há cursos pré-vestibular populares gratuitos. Porque nem a escola nem qualquer meio de comunicação havia nos falado antes sobre essa possibilidade"

Andreia Brandão Vieira, 18 anos, 4º ano do curso Normal, quer fazer vestibular para Psicologia



"A gente sempre soube que o vestibular da Ufrgs é muito difícil, que exige muito esforço. Mas agora com as cotas, talvez facilite um pouco. Principalmente porque quem está na escola pública dificilmente terá condições de estudar em uma universidade paga. A Ufrgs está abrindo as portas para muita gente qualificada, como temos aqui e no Julinho (Colégio Júlio de Castilhos).

"Eu achei os alunos bem mais entusiasmados com a visita da equipe, até prestaram atenção do início ao fim".

Victor Mateus Teixeira Neto, 19 anos, 3º ano do Ensino Médio, pretende cursar Engenharia



"Depois da palestra eu vi que tenho chances plausíveis de entrar na Ufrgs, que basta se dedicar um pouco mais e usar os benefícios das cotas, entre outros. Porque a gente não tem porque pagar se temos o direito de cursar uma universidade pública, gratuita e tão bem qualificada"

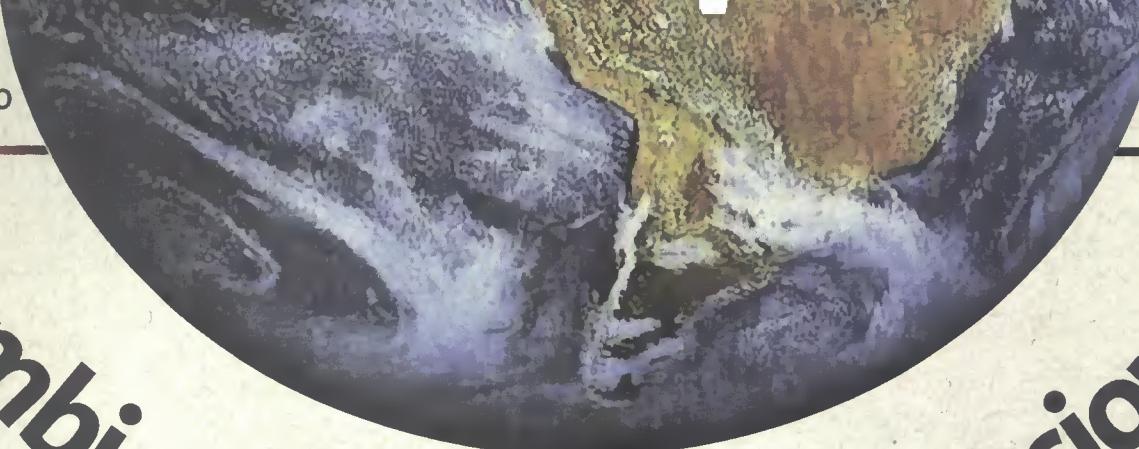
Louise Mosseline, 16 anos, 3º ano do Ensino Médio, quer fazer Psicologia



"Sempre pensei na Famecos, da PUC, que todo mundo fala bem, porque achava a Ufrgs impossível de entrar. Mas agora com as cotas, que explicaram melhor, e outros recursos como as chamadas extras, acho que com um pouco de esforço eu tenho chance de entrar na Ufrgs. Essa possibilidade de usar a biblioteca de graça, por exemplo, acho que ninguém aqui sabia"

Jessica Ferragut, 16 anos, 3º ano do Ensino Médio, quer estudar Jornalismo

* Pergunta feita pela revista Adverso a alunos do Instituto de Educação após visita da equipe do projeto "Quero entrar na Ufrgs", no dia 16 de julho de 2008.



Ambiente e crise civilizacional: o homem no limiar da vida

por Plauto Faraco de Azevedo*

Nota sobre o mal-estar civilizacional

O desconcerto de nosso tempo reflete uma crise civilizacional sem precedentes, quer em sua extensão, quer em sua profundidade, evidenciando-se nas diversas dimensões do inter-relacionamento humano. O que lhe é comum é a perda de rumos e de valores, a falta de perspectivas, que a tudo permeia. Nela se distinguem a anemia da política, a economia afastada do humano, a democracia limitada a formas rituais, a moral indiferente aos valores da humanidade e da solidariedade e a ciência orientada por um paradigma incapaz de compreender a multiplicidade e a interligação de todas as dimensões da vida. A própria vida acha-se ameaçada pela contaminação sistemática da biosfera.

Ataque aos direitos fundamentais e crise sistêmica

Tendo em vista o caráter indissociável de todos esses dados, sobreleva, no entanto, a concepção neoliberal da economia, que, pretendendo apresentar-se como a modernidade, traduz uma volta ao século 19, atentando contra os direitos fundamentais, em suas diversas dimensões. O aspecto mais grave de sua investida revela-se na potencialização do sacrifício da natureza, passando pela tentativa de desconstrução dos direitos fundamentais sociais e econômicos, sem cuja efetiva existência o exercício dos direitos e liberdades liberais torna-se problemático ou circunscrito a uma parcela mínima da população.

Apontando a insuficiência das liberdades políticas, sempre que falte o suporte econômico ao seu exercício, Calamandrei deixa claro que elas necessitam ser exercidas com o amparo nos direitos sociais, cuja função consiste "em garantir a cada um, como integração das liberdades políticas, aquele mínimo de justiça social, isto é de bem-estar econômico indispensável para liberar os pobres da escravidão da necessidade e colocá-los em situação de poder-se valer efetivamente daquelas liberdades políticas em direito proclamadas iguais para todos".¹

Apesar da veracidade desta assertiva, o neoliberalismo econômico, com o apoio de boa parte da mídia, vale-se de metáforas sistematicamente repetidas, na tentativa ideológica de tolher o pensamento e a compreensão do real. Dentre elas destacam-se a modernidade, a flexibilidade, a reestruturação das estruturas empresariais, a abertura dos mercados, a desregulamentação, a liberalização, etc. Tendo o Estado deixado de ser totalitário, "a economia tende cada vez mais a sê-lo na era da mundialização".²

O trabalho ideológico do neoliberalismo não só o apresenta como um imperativo histórico incontornável, como busca identificá-lo com a mundialização. Sucede que, sendo esta uma tendência natural das possibilidades humanas, sempre ocorreu na escala comportada por cada fase histórica, nada indicando que deva necessariamente orientar-se pelas forças do mercado sem controle. Dado saliente do neoliberalismo capitalista é o seu objetivo de "garantir a acumulação incessante de capital pela acumulação incessante de capital", o que "significa produção para a troca e não produção para o uso". Para produzir mais e diminuir custos, recorre à externalização dos destes – que são pagos por terceiros – o Estado, a sociedade ou a natureza. As operações de produção excluem o custo de

restauração do meio ambiente. Esta circunstância torna o problema ecológico "mais sério do que nunca por causa da crise sistêmica em que entramos". Estreita-se, a possibilidade de acumulação de capital, "fazendo da externalização dos custos a muleta, a alternativa mais prontamente disponível". Sem uma mudança de rumos, caminha-se em direção à catástrofe ecológica.³

Gênese e características do paradigma científico prevalente.

O paradigma científico vigente conduz à incapacidade de pensar em conjunto os problemas locais e os problemas globais. Esta dificuldade vem de longe, tendo conduzido à divisão do conhecimento em múltiplos domínios, que epistemologicamente não poderiam ser ultrapassados sob pena de transgressão da concepção científica prevalente.

Karl Jaspers, em 1931, antecipava os traços fundamentais de nosso tempo, assinalando o extraordinário desenvolvimento científico e tecnológico atingido pelo homem, propiciando-lhe o domínio da natureza, proporcionando-lhe novas condições existenciais, envolvendo o mundo em uma rede técnica a operar como "uma imensa usina destinada a explorar suas matérias e energias". Evidenciava as possibilidades de perigos emergentes, assinalando que se o ser humano não se revelasse capaz de colocar-se à altura dos desafios sobrevindos, tal situação poderia "converter-se no período mais miserável da história, indicando a ruína da humanidade".⁴

Situava o fundamento deste processo científico, marcado pela racionalidade técnica, na ciência grega, a partir da qual "a existência viu-se orientada para o domínio do calculável e para a dominação técnica do mundo".⁵ O Renascimento em muito contribuiria para o desenvolvimento das raízes do individualismo e do maquinismo de nosso tempo.

No seu prolongamento, Descartes construiu a sua filosofia, que "é a expressão de uma concepção físico-matemática". Querendo converter o obscuro e o confuso no claro e no distinto, identificou este com o quantitativo e o mensurável, tendo qualificado os sentimentos e as paixões como idéias obscuras e confusas. Julgava que, "analizando-as, o homem verdadeiramente pensante poderá viver tranquilo, isento de emoções, sob o impulso tão-só do intelecto. Por este caminho, "ao largo dos séculos 18 e 19 propagou-se uma verdadeira superstição da ciência", avançando, então, a técnica que "fez nascer o dogma do progresso geral e ilimitado". Tal ciência seria capaz de eliminar desde o medo até a peste, suscitando um entusiasmo que chegou ao auge no século 19 – a eletricidade e a máquina a vapor manifestavam o ilimitado poder do homem; a doutrina de Darwin, por outro lado, vinha confirmar a idéia geral do progresso que se converteu em "uma espécie de religião laica".⁶

Iluminismo e noção de progresso

O Iluminismo, com seu culto à razão, acreditando que a filosofia sucederia ao passado de trevas da Inquisição, colaborou decisivamente para o progresso científico. É desta época a crença ocidental no progresso geral do mundo em seu avanço regular, em uma melhoria crescente, quase automática, dos valores morais no gênero humano.⁷ Aí se acham as raízes da noção de progresso, que faria longa fortuna até nossos dias, tendo como sua derivada a noção de desenvolvimento.⁸

No século 19, a terra torna-se acessível em todos os pontos. O habitat do gênero humano tornou-se inteiramente unificado segundo as dimensões do próprio planeta, de tal modo que "tudo se encontra em relação com tudo".⁹ Com o desenvolvimento da tecnociência, no século 20, esta tendência não fez senão acentuar-se. Mas, o paradigma científico dominante, propiciador desta interligação do planeta – raiz da mundialização subsequente – reduziu "a natureza ao que é passível de ser medido", introduzindo no conhecimento uma divisão que se foi paulatinamente aprofundando. Husserl sublinha que "o próprio sucesso da física galileana acarreta o encobrimento do mundo da vida, de tal forma que a noção de uma natureza construída matematicamente eclipsou a noção pré-científica – comum – da natureza".¹⁰

Repensar o conhecimento

Se este paradigma científico conduziu o ser humano a miraculosas realizações de que, em considerável medida, resulta impossível abrir-se mão, também o impeliu aos confins da irracionalidade, apesar de sua intrínseca racionalidade formal. Por tal razão, busca-se reenfocá-lo, embora reconhecendo-se suas extraordinárias realizações. A ciência, em geral, e as ciências econômica e jurídica, em particular, estão a exigir um repensar, uma recriação, na certeza de que todo conhecimento é autoconhecimento. Não há leis da história a garantir o aperfeiçoamento da humanidade e o progresso "deve ser conquistado". E se sabe que o progresso pode regredir, sendo "necessário regenerá-lo sem cessar".¹¹

Resulta que "o observador/criador deve-se incluir na observação e na concepção. O conhecimento necessita do autoconhecimento", pois "ninguém está imune à mentira a si mesmo". O paradigma emergente da ciência "deve ser de um conhecimento prudente para uma vida decente".¹² Ademais, as idéias de autonomia da ciência e do desinteresse do conhecimento científico "colapsaram" perante o fenômeno global da industrialização da ciência, a partir de 1930-40. É quando se verifica o seu compromisso "com os centros de poder económico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na decisão das prioridades científicas. Na ciência e na tecnologia têm-se mostrado "as duas faces de um processo histórico em que os interesses militares e os interesses económicos vão convergindo até quase a indistinção".¹³

Também a moral precisa ser revalorizada, de maneira a que se chegue a uma ética da vida. Não há dúvida "que preservar e

restabelecer o equilíbrio ecológico é questão de vida ou morte." É preciso ultrapassar o antropocentrismo em direção a uma ética da sobrevivência,¹⁴ que deve possibilitar a sobrevivência de todos os seres vivos, refletindo "o dever de nos preocupar com as outras pessoas e as outras formas de vida... o modelo são os próprios ecossistemas naturais que se autoregulam de maneira admirável".¹⁵

Há que acautelar-se ao considerar a noção de desenvolvimento sustentável, eivada de economicismo, tendo-se em vista que "o desenvolvimento deve ser concebido de maneira antropológica. O verdadeiro desenvolvimento é o desenvolvimento humano", ultrapassando seus limites econômicos, tendo em vista que à ciência econômica falta a sua relação com o não econômico. Conquista ela "sua precisão formal esquecendo a complexidade de sua situação real".¹⁶

Para salvar a vida faz-se necessária a reforma do pensamento, que demanda senso crítico, capacidade de desmistificar as



ideologias redutoras da reflexão é falseadoras do real, de modo a ver os problemas em sua globalidade e complexidade.

Como disse Celso Furtado o que está em jogo é o modelo de civilização, sendo a resistência à mudança muito grande. "Toda a sociedade que entra em crise é muito conservadora". Mas, "o curioso é que as revoluções se fazem em momentos em que o conservadorismo domina".¹⁷

De toda sorte, um ponto é absolutamente indubitável: o limite do sistema econômico atual é ecológico. Ao contrário do que propala e repete incessantemente o neoliberalismo, o mundo que está aí é o único impossível.¹⁸ A partir da convicção desta impossibilidade, a mensagem dos altermundialistas deve ser considerada e ponderada.¹⁹

* Doutor em Direito pela Universidade Católica de Louvain, professor aposentado da Faculdade de Direito da Ufrgs e professor da Faculdade de Direito da Escola Superior do Ministério Público

1. CALAMANDREI, Piero. "L'avvenire dei diritti di libertà". In: RUFFINI, Francesco. *Diritti di libertà*. 2.ed. Firenze: La Nuova Italia, 1946. p. 5-16. 2. RAMONET, Ignacio. *Géopolitique du chaos*. Paris: Gallimard, 1999. p.114. 3. WALLERSTEIN, Immanuel. *Ecologia e custos capitalistas da produção*. Sér. saída. In: _____ O fim do mundo como o concebemos. Rio de Janeiro: Revan, 2002. p. 111-121. 4. JASPERS, Karl. *La situation spirituelle de notre époque*. 4.ed. Paris: Desclée de Brower; Louvain: E. Nauwelaerts, 1966. p. 29. 5. Ib., p. 23. 6. SABATO, Ernesto. *Hombres y engranajes*. Buenos Aires: Espasa-Calpe; Barcelona: Seix Barral, 1993. p. 59-68. 7. PILLORGET, Suzanne. *Apogée et déclin des sociétés d'ordres (1610-1787)*. Paris: Larousse, 1969. p. 247-49. 8. Jean Ziegler trata da origem e evolução da noção de desenvolvimento, mostrando que ela deriva dos trabalhos dos ideólogos do Banco Mundial que têm demonstrado "uma admirável flexibilidade teórica", produzindo teorias encobridoras do fracasso desta Instituição. Ao tempo de MacNamara, preferia-se a teoria do "crescimento=progresso=desenvolvimento=felicidade geral". Em 1972, declarou-se, no Clube de Roma, que o crescimento ilimitado levaria à destruição do planeta. O Banco Mundial passou a falar em "desenvolvimento integrado", que consideraria não só o crescimento do produto interno bruto, mas também suas consequências sociais. Vieram os relatórios com críticas ao capitalismo desenfreado, resultantes de grupos de pesquisa presididos por Gro Harlem Brundtland e Willy Brandt, criticando o economismo do Banco Mundial. Este passou a teorizar sobre o "desenvolvimento humano". Com o advento do movimento ecológico, passou a defender, fervorosamente, o "desenvolvimento sustentável (sustainable development)". ZIEGLER, Jean. *Portrait de groupe à la Banque Mondiale*, Le Monde Diplomatique 583, p. 32-3. 9. Ib., p. 24. 10. SANTOS, José Henrique. *Filosofia e crítica da ciência*. Cadernos do CEAS 43, Salvador, maio-junho 1976. p. 6. (g. n.) 11. MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p. 40. 12. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 8.ed. Porto: Afrontamento, 1996. p. 36-37. 13. Ib., p. 34-35. (g. n.) 14. MILARÉ, Edis. *Direito do ambiente*. 2.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001. p. 78. 15. Ib., p. 45. (g. n.) 16. MORIN, Edgar. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 70, 108. 17. FURTADO, Celso. *O mundo de amanhã*. Entrevista a Rosely Forganés. Veja 08.01.1997, p. 8-11. 18. AZEVEDO, Plauto Faraco de. *Ecocivilização. Ambiente e direito no limiar da vida*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005, passim; vide Relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (GEO-4) Disponível em: <http://www.unep.org/geo/geo4/media>. Acesso em: 25 out. 2007. 19. Manière de Voir, Paris, Le Monde Diplomatique, n. 75, juin-julho 2004.

A festa do passado, do presente e do futuro

Professores esquecem divergências políticas e ideológicas e se reúnem para festejar as três décadas da Associação de Docentes da Ufrgs, recordar o passado, falar do presente e projetar o futuro.

Baile de comemoração dos 30 anos da Adufrgs reuniu quase 400 pessoas na Sogipa, entre professores, familiares e amigos, no dia 28 de julho. Na ocasião, foi lançada a segunda edição do livro "Universidade e Repressão - Os expurgos na UFRGS", com a presença de cinco dos seis autores do livro - Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de Miranda, Aron Taitelbaum, José Vicente Tavares dos Santos, Lorena Holzmann e Maria Assunta Campilongo - que receberam homenagem especial da Adufrgs. A professora Ligia Averbuck, já falecida, também foi homenageada.

A principal e mais importante alteração da segunda edição do livro em relação à primeira é o fato deste último trazer os nomes dos autores, o que foi possível há 30 anos, devido ao período de repressão pelo qual passava o País. O chamado "Livro dos Expurgos", cuja idéia se reproduziu em várias universidades ao mesmo tempo, funcionou como um canal de denúncia e uma poderosa "arma" de pressão na campanha pela Anistia no final dos anos 70.

Ainda dentro das comemorações dos 30 anos, a Adufrgs recebeu homenagem da Câmara Municipal de Porto Alegre no dia 3 de julho, onde dezenas de professores estiveram presentes no Plenário Otávio Dutra. Em sua fala, o atual presidente da associação, Eduardo Rolim de Oliveira, disse que "a homenagem é um reconhecimento dos cidadãos porto-alegrenses à organização sindical e à coragem dos docentes da Universidade de fundar uma associação há 30 anos, em uma época dura para o País". O reitor da Ufrgs, José Carlos Hennemann, lembrou que "a Adufrgs reforça e consolida o ensino público, além de ter se constituído como espaço de debate acadêmico privilegiado e de participação democrática". Newton Braga Rosa, vereador e associado à Adufrgs, classificou a associação como protagonista de embates nacionais.



Elson Sempé Pedroso

“A primeira ata foi escrita por mim, com caneta tinteiro, em tinta azul royal lavada”

A lembrança é do primeiro vice-presidente da Adufrgs, Manoel André da Rocha, que revela ter se mostrado surpreso quando, na comemoração dos 25 anos da Adufrgs, se deparou com a imagem da primeira ata impressa em um enorme banner. “Reconheci a minha letra”, conta ele com uma ponta de emoção. Também coube ao advogado e atual vice-diretor da Faculdade de Direito da Ufrgs, organizar o conteúdo estatutário e acompanhar o processo de registro da entidade que surgiu.

A necessidade de um interlocutor

Eu tinha quatro anos de Ufrgs quando surgiu o movimento pela fundação da Adufrgs. A situação era muito ruim, do ponto de vista da repressão e dos movimentos associativos de cunho pré-sindical. Mas um grupo entendeu que precisávamos de um interlocutor com o governo, pois não era mais possível continuar com uma interlocução difusa entre os professores, sem lideranças institucionalizadas. Não havia representante legitimado a se pronunciar ou negociar pelos docentes, inicialmente com a Reitoria e posteriormente com o Ministério da Educação.

Fatos que precederam

O modo como tudo começou, não me lembro bem. Um convidou o outro e o grupo foi crescendo. O que diferenciava esse grupo é que a grande maioria vinha do Movimento Estudantil dos anos 60, que foi muito forte e fecundo. Lembro sempre que foi o Movimento Estudantil que em 1962/1963 fez uma greve que paralisou a Universidade por uns dois meses, em torno da idéia de um terço de participação nos órgãos colegiados. Ao contrário das que se faziam em cima de problemas pontuais como melhoria dos RUs e das casas estudantis, a chamada Greve do Terço se fez em cima de uma idéia de participação política efetiva dos estudantes. Algo que não teve solução até hoje, pois continua a participação privilegiada dos professores. Mas essa greve acabou se refletindo informalmente na prática democrática da Universidade, na medida em que tem se adotado percentuais de participação ponderada cada vez mais próximos de um terço.

Tenho a impressão de que as pessoas que estavam na base da Adufrgs eram antigas lideranças estudantis que haviam ingressado como professores na Universidade, muitas vezes tendo que driblar os critérios de admissão controlados pelos órgãos de segurança do governo. Eu mesmo tive uma atuação intensa no Movimento Estudantil dos anos 60, fui presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, participei da Greve do Terço e de uma série de outros movimentos da época. A defesa de determinados ideais em relação à instituição universitária e a necessidade de que a categoria docente tivesse uma voz legitimada para falar e negociar por ela se aproximaram para a fundação da Adufrgs, em 1978.

As primeiras reuniões

No Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), na Annes Dias (Rua), aconteciam debates muito intensos e aos poucos foi se construindo essa idéia de que a institucionalização de uma associação docente se fazia necessária. Discutimos o estatuto, que era o ponto fundamental para que a associação fosse criada. Na época, como eu era o advogado do grupo, coube-me a tarefa de organizar o conteúdo estatutário, depois acompanhei o processo de registro, que necessita chancelado por um advogado. Na comemoração anterior eu me dei conta que a ata de fundação da Adufrgs foi escrita por mim, de próprio punho. Olhei aquilo ali (um dos banners da exposição Adufrgs 25 anos, em 2003) e disse: 'mas isso é a minha letra!'. Foi a primeira ata, escrita por mim, com caneta tinteiro, tinta azul royal lavada.

A campanha pela Anistia

Talvez a primeira bandeira política tomada pela Adufrgs tenha sido a luta pela anistia dos professores. Logo depois da fundação, criamos uma comissão que procurou os professores expurgados e organizou de diferentes maneiras a reivindicação pela anistia. Eu lembro que fui a Brasília, juntamente com um professor nosso (Edgar Albuquerque Graeff) que havia sido cassado e estava lecionando em Goiânia, visitar os gabinetes dos deputados no Congresso em busca de apoio. Depois que veio a Anistia, o trabalho da Adufrgs foi de assessorar os professores que haviam sido expurgados no sentido de que eles fizessem oficialmente seus pedidos. Não era consensual entre eles de que deveriam pedir a anistia. Alguns diziam: 'Não vou pedir nada para esse governo. Eu não pedi para sair, por que devo pedir para voltar?'. Exceto os que já haviam falecido, quase todos requereram a anistia. Só teve um professor que se recusou, o Ajadil Lemos (Antônio Ajadil de Lemos), que lecionava Direito Constitucional. Eu o procurei pessoalmente, mas ele não quis, não voltou para a Ufrgs e não obteve nenhum outro benefício da Anistia até sua morte. Foi uma opção ética pessoal dele.

A greve de 1980

A primeira greve, em 1980, se estendeu por muito tempo e podemos dizer que, mal ou bem, foi vitoriosa. Tínhamos como

ministro da Educação naquela época o Coronel Ludwig (Rubem Carlo Ludwig, ministro de 27 de novembro de 1980 a 24 de agosto de 1982) que acabou efetivamente reestruturando a Carreira do Magistério Superior mais ou menos na linha do que queriam os professores. Foi um momento de afirmação para a Adufrgs, depois da luta pela Anistia.

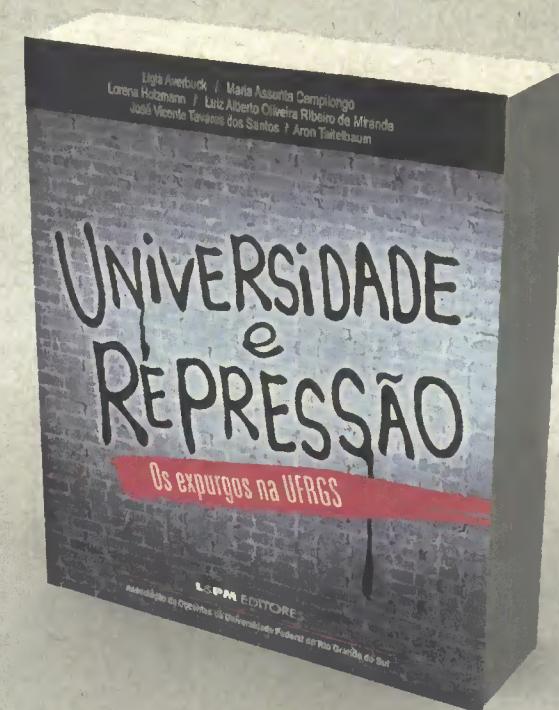
Depois de 30 anos

Não quero fazer uma crítica, porque talvez não fosse justa, uma vez que as circunstâncias materiais se alteraram. Mas creio que as reivindicações hoje do Movimento Docente estão bem mais voltadas para campanhas pontuais relacionadas a salário. Isso também porque nesse período houve uma proletarização da massa docente. Lembro que no início se discutia muito a Universidade e hoje parece que isso não representa mais uma grande preocupação. Eu fico imaginando, por exemplo, se hoje seria possível as associações de docentes tentarem um movimento de paralisação pela autonomia das universidades federais. Acho que isso nem é cogitado, porque seria a reivindicação de uma idéia. A discussão da Reforma Universitária acabou ficando muito partidizada.

A agenda das associações docentes em geral não tem sido mais construída por elas mesmas. Campanha Salarial, Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Ifes), Reforma Universitária, isso tudo acaba vindo do governo para que as ADs discutam. Hoje, as associações são mais reativas do que pró-ativas. E a gente percebe isso pelos informativos, que trazem sempre notícias pontuais. Ainda que eu possa estar sendo injusto, porque me afastei muito da Adufrgs nos últimos anos, mas não a vejo pôr em discussão, de uma forma ampla, temas mais abstratos relacionados à Universidade. Talvez, os colegas que estão hoje à frente da militância me digam que os docentes não se interessam por isso.



Clarissa Pont



"A história de um país, naquilo que tem de grandioso ou de torpe, precisa ser preservada, para que as experiências obtidas venham a orientar a construção do futuro, evitando a repetição de erros e aprofundando e ampliando os acertos. Nenhuma geração faz a história a partir do zero; ela constitui um elo entre o que foi e seu devir. O conhecimento do passado tem a potencialidade de apontar caminhos para a construção da sociedade que queremos, mais humanizada, ética, menos excludente, mais justa e igualitária.

No nosso contato diário com os jovens estudantes de hoje, nossos alunos, com frequência podemos constatar o desconhecimento dos episódios que atingiram nossa Universidade sob o regime militar implantado em 1964. Parece haver uma cortina de esquecimento, que inviabiliza a preservação da memória nacional.

A reedição desta obra poderá contribuir para a preservação dessa memória no que concerne a acontecimentos recentes na história do país, por meio da divulgação das atrocidades que comprometeram a vocação da instituição universitária no mundo contemporâneo, qual seja, a de local do debate, da tolerância às diferenças de pensamento e de opiniões, o espaço por excelência da criação e da difusão de conhecimentos, da arte, da cultura.

Que esta obra sirva para reforçar a importância da recusa ao arbitrio e seus efeitos nefastos e limitadores, que disseminam a intolerância, sufocam a liberdade e propagam o medo"

(trecho do prefácio da segunda edição do livro)

Na comemoração do seu 30º aniversário, a Adufrgs faz uma reverência ao passado e homenageia personagens de sua história

Inverno de 1978, tempos de crise econômica, repressão política e de enfrentamento ao regime militar, iniciados pela revolução de 31 de março de 1964 e agravados pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5), que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968. O resultado foi a cassação e a expulsão de dezenas de professores da Ufrgs e de centenas em outras universidades federais brasileiras. Tempo de "caça às bruxas".

Com a exclusão de renomados intelectuais, o quadro de docentes das universidades passou por uma profunda transformação. Para a expansão dos cursos de graduação e de pós-graduação, formou-se um quadro docente paralelo, que na Ufrgs representava 21,5%, constituído por professores colaboradores, visitantes e professores-horistas, os quais, em situação funcional precária e instável, ficavam à mercê das pressões e interesses de colegas e de dirigentes.

Foi neste cenário que, em 17 de junho, numa tarde de sábado fria e úmida, em Assembléia realizada no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), 22 professores da Ufrgs fundaram a Adufrgs. O ato está registrado no livro de atas da entidade, cuja reprodução ilustra a parede deste recinto nesta noite de festa. Posteriormente, outros 48 professores assinaram a ata de fundação, com a eleição da diretoria provisória e a posse dos membros do Conselho de Representantes das Unidades.

Compuseram a diretoria provisória os docentes: José Fraga Fachel (presidente); Manoel André da Rocha (1º vice-presidente); Aron Taitelbaum (2º vice-presidente); Carlos Schmidt (1º secretário); Lorena Holzmann (2ª secretária); Lívio Amaral (1º tesoureiro); Maria Noemí Castilhos Brito (2ª tesoureira) e Luiz Fernando Carvalho da Rocha, Maria Assunta Campilongo Zanfeliz e Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de Miranda como suplentes.

Neste ano de 1978, além da Adufrgs, cerca de 20 associações ou comissões pró-associações de docentes surgiram no País, seguindo o exemplo da Associação de Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp), fundada em 1976. E a Adufrgs, assim como as associações congêneres de outras universidades do país, surgiu com o objetivo mais geral de unir os professores da Ufrgs, debater seus problemas e defender seus interesses profissionais e acadêmicos, portanto, como um órgão de expressão dos anseios da comunidade docente.

Trinta anos depois: inverno de 2008 – tempo de liberdade, de democracia, de participação, de trabalho. Tempo da convivência e respeito às diferenças sociais, políticas, de expressão e de pensamento. O tempo que estamos vivendo!

Com a sua 14ª diretoria constituída pelos docentes: Eduardo Rolim de Oliveira (presidente); Claudio Scherer (1º vice-presidente); Lucio Hagemann (2º vice-presidente); Lucio Olimpio

de Carvalho Vieira (1º secretário); Maria Luiza Ambros von Holleben (2ª secretaria); Marcelo Abreu da Silva (1º tesoureiro); Maria da Graça Saraiva Marques (2ª tesoureira); Mauro Silveira de Castro (1º suplente); José Carlos Freitas Lemos (2º suplente).

Com cerca de 3000 sócios, a Associação de Docentes da Ufrgs comemora seu trigésimo aniversário, com uma história rica de atuações em defesa do ensino público, da qualidade, da livre expressão, resultado da revolução política pela qual passou o País.

Voltando novamente ao passado, mais precisamente a fevereiro de 1979, em São Paulo. No 1º Encontro das Associações de Docentes Universitários, do qual participaram 34 entidades de instituições públicas e particulares, de todos os estados brasileiros, foi lançada a idéia de que cada entidade elaborasse uma publicação, narrando os expurgos ocorridos nas suas universidades.

Assim, foi publicado pela Adufrgs o livro "Universidade e Repressão - Os expurgos na UFRGS", editado pela L&PM Editores, parceira na divulgação ao público dos fatos que ocorriam dentro da Universidade, nos ciclos repressivos de 1964 e de 1969. Esta publicação é, provavelmente, hoje, um dos poucos registros existentes sobre este triste episódio da história, uma das maiores chagas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E agora, novamente editado pela L&PM Editores, a Adufrgs tem a honra de relançar o livro "Universidade e Repressão - Os expurgos na UFRGS", com destaque, nesta segunda edição, para a inclusão de um registro inexistente na primeira, que bem reflete a diferença de como se viveu e o como se vive hoje, 30 anos depois: os nomes dos autores na capa, omitidos na época e mantidos em segredo por muitos anos, para preservar a segurança e integridade destes audaciosos colegas.

Por tudo isto, esta noite, a Adufrgs homenageia, com muito orgulho, a iniciativa e a coragem dos autores pela preciosa colaboração na história da Adufrgs: Aron Taitelbaum, José Vicente Tavares dos Santos, Lorena Holzmann, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de Miranda, Maria Assunta Campilongo, Ligia Averbuck (em memória).

Também homenageia, pela sua colaboração na história da entidade, nos maus e nos bons tempos a L&PM Editores, na pessoa do seu diretor, Ivan Pinheiro Machado.

E, por fim, pela sua dedicação a entidade, a Adufrgs homenageia uma pessoa que, por longos anos, sempre presente, discreta e competente, tornou-se um arquivo vivo da história do Movimento Docente na Ufrgs: a sua secretaria administrativa Silvia Balinski.

(Texto lido na abertura do Baile de 30 anos da Adufrgs, escrito pela professora Maria Luiza Ambros Von Hollenben, 2ª secretária da gestão 2006/2008)

“A Adufrgs integrou os professores nas lutas sociais”

Lorena Holzmann, professora do IFCH e membro da primeira diretoria da Adufrgs, se emociona quando recorda os primeiros anos da associação, das greves e passeatas “memoráveis”. Dá detalhes de histórias que, possivelmente, poucos se lembram e confessa que sua vida pessoal se confunde com sua atuação na Universidade e na Adufrgs. “Eu levava meus filhos pequenos às assembleias. A Adufrgs é um pedaço da minha vida”.

Os primeiros anos

O trabalho inicial da Adufrgs foi desmontar a precaução, o medo das pessoas de se associarem a uma entidade, depois de tanto tempo de repressão a qualquer forma de associação, a qualquer forma de ação coletiva. Havia muito receio na Universidade e isso era natural porque muitos tinham visto de perto a repressão. Sofremos alguma resistência, como a publicação nos jornais de cartas abertas contra a fundação da Adufrgs.

A Noemi Brito (já falecida) e o Lívio Amaral, que eram os tesoureiros, cobravam as mensalidades no corredor. No início a gente nem tinha sede, se reunia às vezes no IAB, às vezes na Universidade. A primeira sede funcionou em uma sala emprestada pelo professor Pinheiro Machado, na Praça Dom Feliciano. Depois fomos para a Oswaldo Aranha, Barros Cassal, até chegar aqui, na Cidade Baixa.

A Adufrgs teve um papel muito importante de integrar os professores nas lutas sociais. Participou da primeira conferência da classe trabalhadora, em 1981, na Praia Grande, em São Paulo. Estava ali o professor universitário junto ao trabalhador de fábrica, ao trabalhador rural. Isso foi muito importante.

O Livro dos Expurgos

Começamos a fazer contatos com os professores que haviam sido cassados. No início, eles demonstraram resistência, depois aceitaram. Durante as férias, em fevereiro de 1979, nos encontramos no Bar do Antônio, ali na antiga Faculdade de Filosofia, no Campus Central da Ufrgs, e começamos a juntar material, fazer entrevistas. Havia um clima de abertura, a Anistia já se anunciava. Fizemos um evento muito bonito na Assembléia Legislativa para o lançamento do livro, na mesma semana que saiu a Anistia. Nos dias subsequentes, a imprensa deu bastante cobertura e em seguida se continuou uma mobilização para reincorporar os professores.

A greve de 1984

Para mim, a grande greve da Adufrgs foi a de 1984. Foram 84 dias de greve, com grande mobilização, assembleias repletas, fizemos uma passeata memorável. Na época a ministra da Educação era a Esther de Figueiredo Ferraz. Ela havia feito um pronunciamento na televisão no dia anterior, onde apareceu muito bem vestida, com um colar de pérolas e flores na lapela. No dia seguinte, umas professoras começaram a fazer umas flores de papel e aquilo pegou, todo mundo começou a fazer flores de papel e usar na lapela. Fizemos uma carta padrão ao ministério

pedindo a abertura das negociações e seguimos em passeata até os Correios onde todos os professores presentes depositaram as cartas. Foi lindo! Todo mundo com flores na lapela, caminhando pela Rua da Praia.

30 anos depois...

Nesses 30 anos foram muitas batalhas, muitos desafios, muitos embates. Lembro da primeira eleição para diretoria em que concorreram duas chapas, todo mundo achava que isso era rachar o movimento. Uma falta de compreensão, achar que um movimento só vai adiante quando é homogêneo. Isso aconteceu com a reestruturação partidária, quando cada um se identificou com uma determinada proposta partidária. Sempre acho que a diferença faz parte da democracia. Podemos ver isso hoje aqui (dia do coquetel de comemoração dos 30 anos - 17 de junho). Estamos saindo de um processo eleitoral para reitor da Ufrgs, e havia pessoas de pelo menos três chapas (de um total de quatro), confraternizando. Porque apesar das diferenças, nós temos um passado em comum.

Não é saudosismo, mas havia muito mais mobilização naquela época, no País todo. Porque a gente estava saindo de um período de repressão e, com a abertura, todos os movimentos começaram a atuar intensamente. O Movimento Social está hoje em retrocesso e o Movimento Sindical anda enfraquecido. Porque o sindicato faz parte de uma sociedade que tem dinâmica distinta. O trabalho hoje é um elemento que está na defensiva, em ao capital. Isso é um fenômeno mundial que tem a ver com a estruturação da economia. Quando há desemprego, os trabalhadores ficam sem poder de negociação, sem poder de barganha.

Estou um pouco afastada do Movimento Docente, porque minha vida também muito nesse tempo. Mas eu fico pensando em como conseguia fazer tudo aquilo tendo dois filhos pequenos, dando aula. Eu carregava meus filhos para as assembleias. Lembro deles na que decretou a primeira greve, escrevendo no quadro, enquanto debatíamos. Acho que a Adufrgs é um pedaço da minha vida. Não dá para pensar minha biografia sem a minha vida dentro da Universidade e dentro da Adufrgs.



INFORME JURÍDICO

Governo Federal institui exames de saúde periódicos

A Instrução Normativa nº 1, de 2008, da Secretaria de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), estabelece a obrigação a todos os servidores federais de realização de exames periódicos de saúde, os quais variam conforme a faixa etária e o sexo. Os exames serão feitos pelas operadoras de plano de saúde contratadas ou conveniadas e pelos serviços prestados diretamente pelos órgãos e entidades. Servidores expostos a agentes químicos ou riscos à saúde, deverão ser submetidos aos exames específicos de acordo com as dosagens de indicadores biológicos previstos em norma específica. Segue abaixo a norma na íntegra.

Instrução Normativa SRH nº 1, de 3 de julho de 2008

Estabelece orientações aos órgãos e entidades do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal - SIPEC sobre os procedimentos mínimos para a realização de exames periódicos previstos no art. 21, Inciso II, da Portaria Normativa nº 1, de 27 de dezembro de 2007.

O Secretário de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, no uso de suas atribuições e considerando o disposto no inciso II do art. 21 da Portaria Normativa nº 1, de 27 de dezembro de 2007 e no Decreto nº 6.081, de 12 de abril de 2.007, resolve:

Art. 1º Os órgãos e entidades do SIPEC deverão observar, para a realização dos exames periódicos dos servidores públicos federais ativos, os procedimentos estabelecidos nesta Instrução Normativa, a serem realizados pelas operadoras de plano de saúde contratadas ou conveniadas e pelos serviços prestados diretamente pelos órgãos e entidades.

Art. 2º Os exames serão realizados observados os seguintes intervalos de tempo:

I - Anual para os servidores maiores de 45 anos;

II - Bianual para os servidores entre 18 e 45 anos; e

III - A cada ano ou a intervalos menores para os servidores expostos a riscos ou a situações de trabalho que impliquem o desencadeamento ou agravamento de doença ocupacional ou para aqueles portadores de doenças crônicas, ou ainda como resultado de negociação.

Art. 3º Todos os servidores, inclusive aqueles que desenvolvem atividades de cunho administrativo e os que se enquadram nas categorias com risco ocupacional ergonômico e relacionado

à organização do trabalho, deverão ser submetidos aos seguintes exames:

- I - avaliação clínica;
- II - exames laboratoriais:
 - a) hemograma completo;
 - b) glicemia;
 - c) urina tipo I (EAS);
 - d) creatinina;
 - e) colesterol total e triglicídeos;
 - f) AST (TGO);
 - g) ALT (TGP); e
 - h) citologia oncológica (papanicolau), para mulheres.

III - Servidores com mais de 45 anos de idade: -

Oftalmológico

IV - Servidores com mais de 50 anos:

- a) pesquisa de sangue oculto nas fezes (método imunocromatográfico)
- b) mamografia, para mulheres; e
- c) PSA, para homens

Parágrafo único. O exame de citologia oncológica é anual para mulheres com vida sexual e, caso haja dois exames seguidos com resultados normais, num intervalo de um ano, o exame poderá ser feito a cada três anos.

Art. 4º Os servidores expostos a agentes químicos, deverão ser submetidos aos exames específicos de acordo com as dosagens de indicadores biológicos previstos no Quadro I, anexo à Norma Regulamentadora nº 7, do Ministério do Trabalho e Emprego.

Art. 5º Os servidores expostos a riscos à saúde deverão ser submetidos aos exames complementares previstos no Quadro II, anexo à Norma Regulamentadora nº 7, do Ministério do Trabalho e Emprego.

Art. 6º Todos os servidores deverão realizar os exames periódicos, custeados pela União, com base nos recursos disponibilizados para a assistência à saúde suplementar, no limite do valor estabelecido pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, na forma disposta no art. 11 da Portaria Normativa nº 1, de 27 de dezembro de 2007.

Art. 7º Caberá à Secretaria de Recursos Humanos dirimir as possíveis divergências em relação à realização de exames complementares relacionados aos riscos da atividade ou ao local de trabalho.

Duvanier Paiva Ferreira

Consun define lista tríplice

O Conselho Universitário da Ufrgs (Consun) votou, no dia 4 de julho, a lista tríplice para reitor. Em primeiro lugar ficou o professor Carlos Alexandre Netto, com 47 votos e em segundo a professora Wrana Panizzi, com três votos. Uma segunda rodada de votação indicou o nome do professor Abílio Baeta Neves, com 19 votos, para o terceiro lugar. Para vice-reitor, Rui Vicente Oppermann ocupou o primeiro lugar com 39 votos, Diogo Onofre de Souza o segundo com seis votos e Dimitrios Samios em terceiro com dois votos. A lista deve ser enviada ao

Ministério da Educação até o dia 24 de julho, dois meses antes do término do mandato do atual reitor, José Carlos Ferraz Hennemann. A votação se deu depois de um amplo e polêmico debate, que começou por volta das 8h30min e durou quase cinco horas. Dos 73 conselheiros presentes durante a discussão, 51 permaneceram na sala no momento da votação. Estudantes, boa parte dos técnico-administrativos e alguns professores decidiram se retirar. Ainda assim, houve quórum para que fosse realizada a votação.



Sancionado piso de R\$ 950 para professores

O projeto de lei que cria o piso nacional do magistério destinado aos professores da educação básica, no valor de R\$ 950, foi sancionado pelo presidente Lula em julho.

Para o ministro da Educação, Fernando Haddad, a sanção do piso é resultado de "uma luta" que busca resgatar a "missão histórica" dos professores. De acordo com a nova lei, o piso deve estar implantado em todo o País até 2010, o valor entra em vigência a partir de 2009 e será adotado também para o pagamento dos benefícios dos aposentados. Segundo o governo, a fixação de um piso nacional para o magistério atenderá cerca de 800 mil professores da educação básica pública, que recebem menos de R\$ 950 por mês. Estados e municípios terão 18 meses, até 2010, para pagar o valor integral de R\$ 950, a partir de reajustes anuais.

(Fonte: Folha Online)

Universidade da África no Ceará

A cidade de Redenção (CE), primeiro município que aboliu a escravidão no Brasil, será sede da Universidade da África, que terá como finalidade formar estudantes africanos, especialmente os de países de língua portuguesa, para ajudar no desenvolvimento daquele continente. O projeto de lei que prevê a criação da universidade será enviado em breve ao Congresso Nacional, segundo informou o ministro da Educação, Fernando Haddad, e o nome oficial da nova instituição será Universidade Federal de Integração Luso-Afrobrasileira (Unilab). Haddad disse ainda que existe um grupo de trabalho analisando a proposta, juntamente com membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), da Unesco e da academia brasileira no sentido de criar um projeto pedagógico que atenda às necessidades da África. Haverá pólos da universidade em todos os países-membros da CPLP: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Cabo Verde e Portugal. A Unilab será financiada pelo governo brasileiro, mas há manifestação de organismos internacionais que querem participar.

(Fonte: Agência Brasil)

Retorno dos demitidos por Collor

Até o fim de 2008, todos os demitidos durante o governo Collor terão a chance de voltar ao trabalho. Quatorze mil servidores procuraram a Comissão Especial Interministerial (CEI), responsável pela análise dos pedidos de anistia. Foram analisados 3.175 e restam 11,4 mil. O número total de desligamentos feitos no início da década de 1990, no entanto, é desconhecido. Associações de ex-servidores e sindicatos acreditam que entre 25 mil e 40 mil pessoas deixaram a administração pública naquele período. A ordem de acelerar o retorno do pessoal demitido na era Collor é do próprio presidente Lula, que orientou a Advocacia-Geral da União (AGU) a participar diretamente do processo de avaliação legal dos pedidos dos ex-servidores que desejam voltar.

(Fonte: Correio Braziliense)

UFFS beneficiará Sul do País

O projeto de lei que cria a Universidade Fronteira do Sul (UFFS) foi assinado no dia 16 de julho pelo presidente Lula e encaminhado ao Congresso Nacional. A instituição deve beneficiar aproximadamente 3,7 milhões de habitantes do norte do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. A expectativa é criar 30 novos cursos e atender cerca de dez mil estudantes de graduação, mestrado e doutorado. Os cursos devem abranger as áreas de tecnologia, agricultura familiar, licenciatura e saúde popular. A intenção é promover o desenvolvimento da região, atender aos municípios que possuem baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e ajudar o processo de integração dos países do Mercosul. A UFFS funcionará com estrutura multicampi, com sede em Chapecó (SC). Para custeio e pagamento de salários, estima-se um investimento anual de R\$ 194,5 milhões. (Fonte: Portal MEC)

Ensino com "c"

O caderno distribuído pelo governador de São Paulo, José Serra (PSDB), para ensinar os professores a dar aula traz um erro de português que causa arrepios nos educadores. Ensino é escrito com "c": "encino". O erro está na página 11 do "Caderno do Professor" do segundo bimestre, entregue no mês de maio aos professores de inglês das 8^a séries do ensino fundamental. Está lá: "Estratégias de encino", sobre táticas para trabalhar o tema "inventores famosos e suas invenções". A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo informou que o "encino" foi um erro de digitação que escapou dos revisores. Diz considerar uma falha menor porque, no mesmo livro, a palavra "ensino" foi escrita várias vezes da forma correta, e os alunos não têm acesso ao material, só os docentes. O material não será recolhido, segundo informações da Secretaria.

(Fonte: Folha de São Paulo)

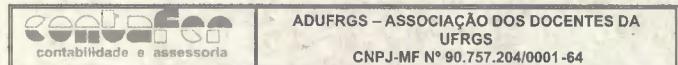
PRESTAÇÃO DE CONTAS



ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES
DA UFRGS
CNPJ-MF Nº 90.757.204/0001-64

BALANÇETES – VALORES MENSAIS - 2008	
RUBRÍCAS / MESES	JAN
ATIVO	3.746.817,63
FINANCEIRO	3.497.289,56
DISPONÍVEL	1.181.581,34
CAIXA	3.830,50
BANCOS	3.190,48
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA	1.174.560,36
REALIZÁVEL	2.315.708,22
APLICAÇÕES FINANCEIRAS A CURTO PRAZO	2.272.952,67
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	2.272.952,67
ADIANTAMENTOS	7.289,04
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS	7.289,04
OUTROS CRÉDITOS	4.361,80
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITO	4.361,80
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTES	865,92
PRÊMIOS DE SEGURO A VENCER	865,92
ESTOQUES ALMOXARIFADO	30.238,79
ATLAS AMBIENTAL	30.238,79
ATIVO PERMANENTE	249.528,07
IMOBILIZADO	235.647,80
BENS IMÓVEIS	258.103,71
BENS MÓVEIS	148.295,69
(-)DEPRECIAÇÕES ACUMULADAS	(170.751,60)
DIFERIDO	13.880,27
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS	12.071,48
BENFEITORIAS EM BENS DE TERCEIROS	16.425,74
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS	(14.616,95)
 PASSIVO	 3.707.420,89
PASSIVO FINANCEIRO	38.921,22
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS	17.584,76
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS	7.303,65
CREDORES DIVERSOS	10.281,11
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS	21.336,46
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL	21.336,46
SALDO PATRIMONIAL	3.668.499,67
ATIVO LÍQUIDO REAL	3.304.749,88
SUPERAVIT ACUMULADO	363.749,79

ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS	
RUBRÍCAS / MESES	FOLHA 2
RUBRÍCAS / MESES	JAN
RECEITAS	169.461,80
RECEITAS CORRENTES	135.898,67
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	135.898,67
RECEITAS PATRIMONIAIS	31.169,32
RECEITAS FINANCEIRAS	30.860,16
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	309,16
OUTRAS RECEITAS	2.393,81
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	2.393,80
OUTRAS RECEITAS	0,01
DESPESAS	130.065,06
DESPESAS CORRENTES	130.065,06
DESPESAS COM CUSTEIO	27.815,50
DESPESAS COM PESSOAL	15.312,42
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	4.892,63
DESPESAS DE EXPEDIENTE	885,88
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	96,64
SERVIÇOS DE TERCEIROS	5.147,21
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	717,24
DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES	(220,13)
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	934,17
ENCARGOS FINANCEIROS	49,44
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICIAIS	56.067,12
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	2.076,38
DESPESAS COM VIAGENS	2.834,43
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO -CULTURAIS	3.342,20
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	4.034,50
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	25.489,61
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	14.140,00
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICIAIS	4.150,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	46.182,44
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	27.179,73
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	7.524,11
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	11.478,60
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	39.396,74



ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA
UFRGS
CNPJ-MF Nº 90.757.204/0001-64

BALANÇETES – VALORES MENSAIS - 2008	
RUBRÍCAS / MESES	FEV
ATIVO	3.793.968,29
FINANCEIRO	3.552.310,56
DISPONÍVEL	1.219.181,26
CAIXA	2.783,40
BANCOS	42.013,88
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA	1.174.383,98
REALIZÁVEL	2.333.129,30
APLICAÇÕES FINANCEIRAS A CURTO PRAZO	2.290.741,44
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	2.290.741,44
ADIANTAMENTOS	7.486,21
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS	6.737,71
ADIANTAMENTOS DIVERSOS	748,50
OUTROS CRÉDITOS	3.970,13
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITO	3.970,13
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTES	692,73
PRÊMIOS DE SEGURO A VENCER	692,73
ESTOQUES ALMOXARIFADO	30.238,79
ATLAS AMBIENTAL	30.238,79
ATIVO PERMANENTE	247.657,73
IMOBILIZADO	233.957,70
BENS IMÓVEIS	258.103,71
BENS MÓVEIS	148.295,69
(-)DEPRECIAÇÕES ACUMULADAS	(172.441,70)
DIFERIDO	13.700,03
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS	12.071,48
BENFEITORIAS EM BENS DE TERCEIROS	16.425,74
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS	(14.797,19)

PASSIVO	3.701.728,32
PASSIVO FINANCEIRO	33.228,65
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS	20.030,99
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS	7.789,56
CREDORES DIVERSOS	12.241,43
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS	13.197,66
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL	13.197,66
SALDO PATRIMONIAL	3.668.499,67
ATIVO LÍQUIDO REAL	3.304.749,88
SUPERAVIT ACUMULADO	363.749,79

ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS	
RUBRÍCAS / MESES	FOLHA 2
RUBRÍCAS / MESES	FEV
RECEITAS	183.812,21
RECEITAS CORRENTES	135.704,40
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	135.704,40
RECEITAS PATRIMONIAIS	26.784,79
RECEITAS FINANCEIRAS	26.714,87
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	69,92
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICIAIS	19.675,52
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	19.675,52
OUTRAS RECEITAS	1.647,50
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	1.647,50
OUTRAS RECEITAS	0,00
DESPESAS	124.968,98
DESPESAS CORRENTES	124.968,98
DESPESAS COM CUSTEIO	25.012,73
DESPESAS COM PESSOAL	13.252,50
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	4.115,68
DESPESAS DE EXPEDIENTE	476,41
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	0,00
SERVIÇOS DE TERCEIROS	4.872,21
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	141,19
DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES	1.870,34
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	246,60
ENCARGOS FINANCEIROS	37,80
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICIAIS	53.423,50
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	1.092,12
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	13.093,50
DESPESAS COM VIAGENS	9.152,67
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO -CULTURAIS	3.275,00
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	4.800,90
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	17.859,31
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICIAIS	4.150,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	46.532,75
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	27.153,83
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	7.900,32
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	11.478,60
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	58.843,23
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	98.239,97

O que é Ginástica Oriental Feminina (GOF)

Alina Demeneghi *

A Ginástica Oriental Feminina consiste em 20 exercícios físicos, específicos para o corpo da mulher, podendo ser praticada dos oito aos oitenta anos, desde que a mulher esteja apta para realização de atividade física. São exercícios de alongamento e flexibilidade, equilíbrio e ritmo, força e resistência, consciência corporal e coordenação motora. O princípio utilizado é o mesmo do Pilates: fortalecimento do transverso e alinhamento da coluna. Também são aplicados exercícios que promovem uma massagem para os órgãos internos e o fortalecimento da musculatura de baixo ventre. Estes exercícios são, na sua maioria, circulares e proporcionam a amplitude do movimento, fortalecendo todo o sistema dos estabilizadores do corpo.

Na Ginástica Oriental Feminina o objetivo é o domínio do próprio corpo em movimento e é assim que buscamos a superação dos nossos limites. Os exercícios realizados com música são harmônicos, exigindo leveza e suavidade, promovendo o resgate do feminino. Esta leveza só é atingida através de muito esforço, ou seja, o que em um primeiro momento pode parecer fácil é na realidade muito intenso. Os exercícios são realizados de forma consciente e o limite da intensidade destes é a capacidade de esforço aplicada pela própria aluna.

Entre os inúmeros benefícios estão superação da incontinência urinária; reversão de um quadro que apontava para cirurgia de reconstrução do períneo; fim de dores nas costas; alívio de tensões e freqüentes dores de cabeça; significativas melhorias na retenção de líquido e má circulação sanguínea nos membros inferiores; melhoria dos ciclos menstruais, com diminuição das cólicas e do fluxo; fim das torções de tornozelo e virada de pé, devido ao fortalecimento dos tendões e ligamentos; fim das terríveis câimbras, através dos alongamentos e exercícios de resistência física; eliminação e prevenção dos sintomas das doenças que surgem do esforço repetitivo, através de exercícios específicos para dedos, mãos e braços. Além da melhora do estado emocional como um todo.

* Educadora Física, Especialista em Ciência do Exercício Físico Individualizado, criadora e idealizadora do método GOF - Ginástica Oriental Feminina (alinapersonal@hotmail.com)

Este é o espaço dos convênios Adufrgs, com informações atualizadas e dicas para você e sua família. Faça já sua carteirinha do sócio! Entre na página eletrônica, acesse o link "Convênios", consulte a lista e aproveite todas as oportunidades que a Adufrgs lhe oferece.

Convênios

SAÚDE

Fisioterapeutas

Adalgisa Zenaide Farina

Desconto de 15% em avaliações e sessões em consultório; 10% em avaliações e sessões de RPG e Grupos de Ginástica; 5% em avaliações e sessões a domicílio
Rua João Abbott, 473/504, Petrópolis
(51) 3221.7660/3029.3778/9983.8252

Elida dos Santos

Desconto de 20% nas consultas na clínica
Rua Dom Pedro II, 1241, São João
(51) 3326.1097/9663.9873

Fernanda Lehmann Werneck

Desconto de 30% sobre o valor da sessão particular. Exceto para os pacotes de estética e drenagem
Rua dos Andradas, 1755/72, Centro
(51) 3224.4828

Maria Regina L. Augustin

Fisioterapia, Massoterapia, Medicina Chinesa/Holística
Desconto de 50% na consulta
Av. Protásio Alves, 4638/sala 406, Petrópolis
(51) 3334.5044/9971.5249

Espaço Terapêutico – Massoterapia

Neusa May de Moura
Desconto de 10% nos pacotes promocionais
Rua Barros Cassal, 697/13, Bom Fim
(51) 9944.4360

Centrofisio – Clínica de Fisioterapia

Desconto de 50% na fisioterapia e 15% na estética
Rua dos Andradas, 1711/conj 502

Clinica Equilíbrio

Janete Viccari Barbosa e Laura Figueiredo
Desconto de 20% na fisioterapia
Av. Independência, 383/sala 207, Centro
(51) 3224.3116

Clínica de Exercício Físico de Alina Demeneghi

Desconto de 10% nas mensalidades da ginástica oriental feminina
Rua Fernandes Vieira, 89, Bom Fim
(51) 9712.2952

Physiosul

Desconto de 50% na fisioterapia
Av. Cavalhada, 2166/3º andar, Cavalhada
(51) 3241.7574

Quality - Clínica de Fisioterapia e Postura

Desconto de 50% na fisioterapia convencional; 10% na RPG, Drenagem Linfática Manual, Shiatsu, Pilates e Terapia Manual
Av. Plínio Brasil Milano, 143/sala 703, Higienópolis
(51) 3330.9507

www.eleslabon.org.ar

O elo da cadeia informativa

Em Rosário, província argentina de Santa Fé, jornalistas mantêm há quase uma década um periódico mensal ligado à economia solidária

Em espanhol, eslabón significa elo. O substantivo dá nome à página eletrônica do jornal mensal distribuído na cidade argentina de Rosário que atende pelo conveniente nome de El Eslabón de la cadena informativa. O periódico funciona em um velho sobrado e reúne jornalistas argentinos para contribuir com a inclusão na agenda política e da mídia de temas e experiências sociais que não encontram espaço nos meios de comunicação comerciais.

Os repórteres escrevem e distribuem o próprio jornal em mais de 270 bancas de revistas da cidade e região metropolitana. São investigações de fôlego, entrevistas e crônicas assinadas muitas vezes por pseudônimos. A "brincadeira" começou em 2 de setembro de 1999 e hoje conta com uma tiragem de 5 mil exemplares e um programa de rádio semanal transmitido pela rádio FM da Universidade de Rosário.

O trabalho jornalístico acabou se transformando em 2004 na Cadeia Informativa Associação Civil, organização sem fins lucrativos para promover a cultura, a arte, a educação e a comunicação popular. A luta atual é a criação do Centro Cultural Pocho Lepratti. O projeto encabeçado pelo Eslabón quer reconstruir a casa do militante Claudio Pocho Lepratti, assassinado pela polícia de Santa Fé em 19 de dezembro de 2001.



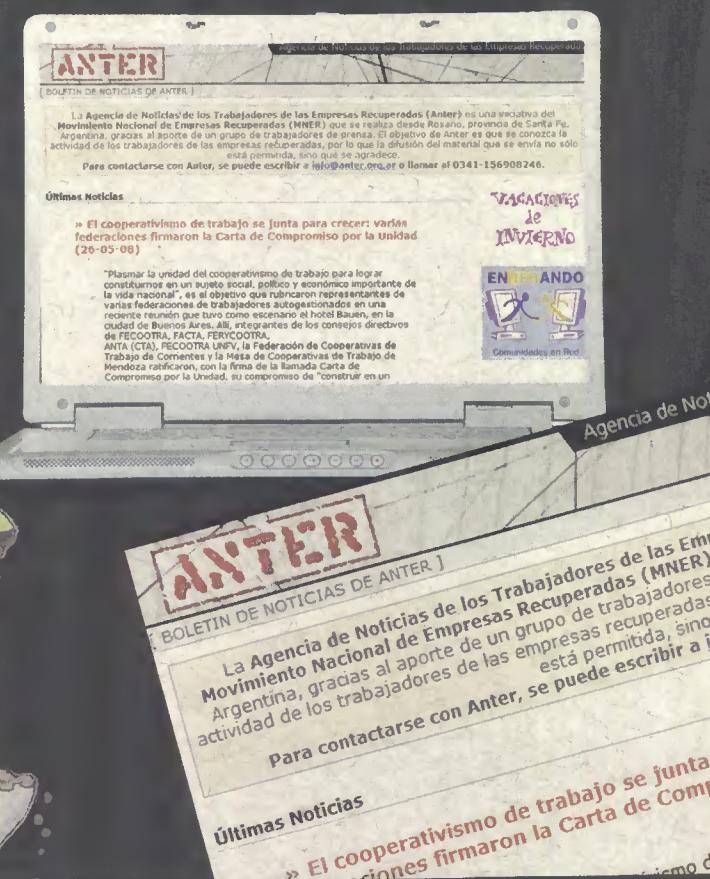
www.anter.org.ar

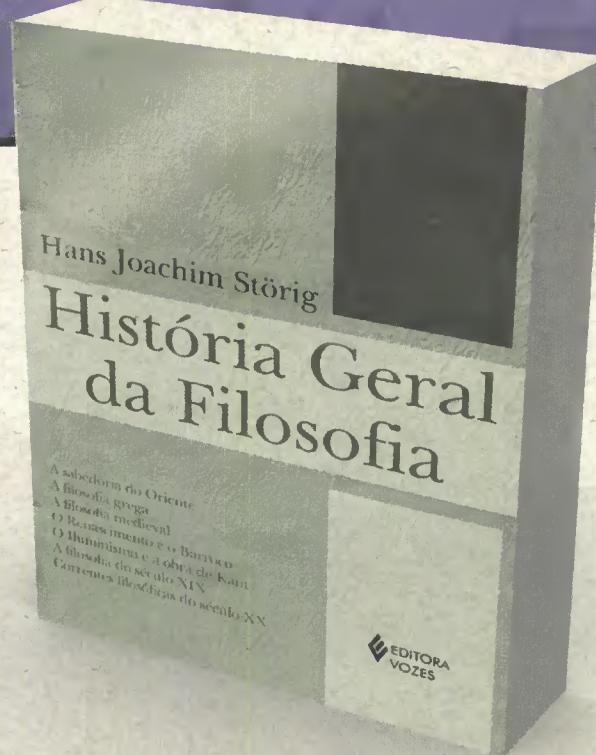
Trabalhadores em rede

Agência de notícias de trabalhadores autogestionados da Argentina é fonte para entender o cooperativismo no país vizinho

A Agência de Notícias dos Trabalhadores das Empresas Recuperadas (Anter) é uma iniciativa do Movimento Nacional das Empresas Recuperadas (Mner), que se formou na Argentina logo após a crise econômica que assolou o país em 2001. O Movimento congregou todas as iniciativas de toma de empresas falidas pelos trabalhadores e hoje reúne um número crescente de iniciativas que mostram o sucesso da economia solidária, principalmente no meio urbano.

Os jornalistas que conduzem as atividades da página eletrônica avisam logo de início: "O objetivo da Anter é que se conheça a atividade dos trabalhadores das empresas recuperadas, por isso não apenas permitimos a difusão do material que produzimos, mas agradecemos". Acessar o site também é uma forma de acompanhar a luta das cooperativas que ainda não têm posse sobre o terreno ou garantias de ganho na Justiça por dívidas trabalhistas.





Trata-se de uma obra única, instrumento de trabalho para todos quantos se dedicam à Filosofia e às ciências com as quais ela dialoga. Uma obra de consulta eficiente e de inestimável valor. O autor começa no Antigo Oriente, na Índia e na China antigas, passando em seguida ao Período da Filosofia na Grécia Antiga, na Idade Média, na Renascença e no Barroco, até o Iluminismo. Depois dedica-se à filosofia do século 19 e à riqueza do pensamento da produção filosófica do século 20.

Com a preocupação de atingir o público que ainda não teve acesso à história da filosofia ou que tem alguma idéia,

mas quer ter em mãos um "compêndio" com os tópicos e autores mais representativos, é que esta história foi escrita, trazendo o essencial do pensamento filosófico de modo simples e claro, sem perda de profundidade. Por tratar-se de um livro introdutório de história da filosofia, o texto pode ser indicado também a leitores sem conhecimento prévio em filosofia, mas preocupa-se, mesmo exprimindo de uma maneira bem simples, trazer o que os entendidos julgam ser de importância fundamental no conhecimento da área.



Educação e Função Paterna
Fátima Rodrigues e Roselene Gurski (organizadoras)
Ufrgs Editora

104 páginas
R\$ 18



Repensando as Relações Internacionais
Fred Halliday
Ufrgs Editora

312 páginas
R\$ 52

Trata-se de uma coletânea de textos de psicanalistas e educadores que demonstra o vigor da transmissão da ética psicanalítica, mesmo na ausência de uma Educação psicanaliticamente orientada. Debruçados sobre a problemática da crise da autoridade na educação contemporânea, os autores abordam as nuances dessa crise abrangente, desde a psicanálise, optando por debatê-la à luz do conceito de função paterna.

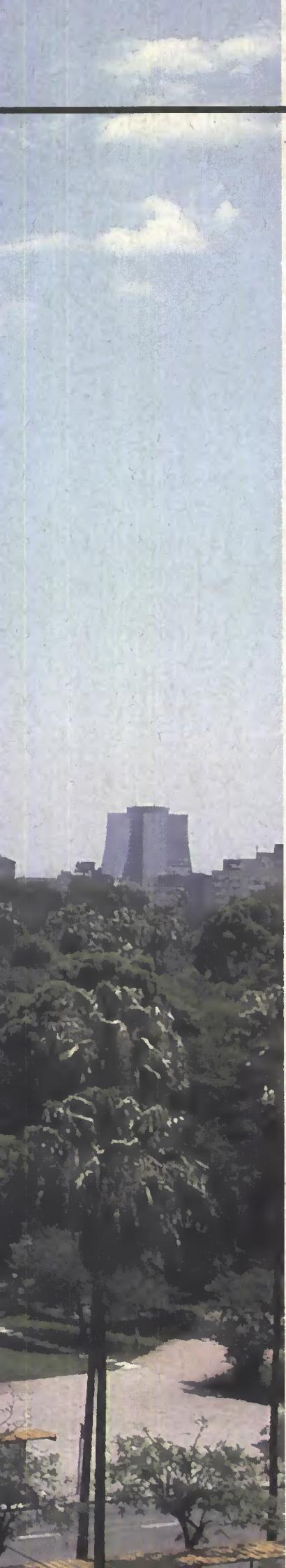
Nesta obra o autor desenvolve tanto uma instigante e renovadora discussão teórica sobre as Relações Internacionais quanto uma aplicação desta teoria sobre o sistema internacional que emergiu com o fim da Guerra Fria. Numa revisão de amplo espectro, o autor propõe novas abordagens e enquadra os acontecimentos da década de 90 na política mundial.

Música e luta no parque

Fechado desde 2005, o Auditório Araújo Vianna foi palco de lutas e ótima música a preços populares durante toda a existência. Em meio ao verde do Parque da Redenção, em frente à Avenida Oswaldo Aranha, o anfiteatro já abrigou Caetano Veloso cantando de costas para o público na década de 70 e a assembléia que decidiu a greve da construção civil, em plena Ditadura Militar.

por Clarissa Pont





Quem entra na Redenção pela Osvaldo Aranha, na altura da João Telles, avista logo de cara a lona branca em meio ao verde. Ao redor, gente que transformou o Araújo Vianna abandonado em casa e amontoa pertences em carrinhos de supermercado, dorme em colchões velhos e tenta dividir com a família as pequenas entradas cobertas do Auditório. Três décadas antes, e ainda sem a cobertura, o local era espaço de encontro para aqueles cuja luta era exatamente contra a miséria, a escassez de participação e por um futuro um tanto mais digno. Greves que reivindicaram melhores condições de trabalho e valorização profissional dos professores e o início deste tipo de discussão com uma sociedade que começava a vislumbrar o final da Ditadura começaram ali. Em assembléias que reuniam milhares, como em 1979, quando diante da insensibilidade do governo do Estado à época em negociar, o Cpers – sindicato que representa professores da rede pública do estado do Rio Grande do Sul – deflagrou sua primeira paralisação, que durou 13 dias.

“Lembro bem das assembléias ali, foram muito importantes, principalmente a primeira. O Araújo Vianna tem um significado muito grande para a categoria”, explica o professor aposentado Énio Manica. Outra recordação que vem à tona é a de uma assembléia no ano seguinte, quando chovia e o auditório era um mar de guarda-chuvas coloridos. A cobertura do Araújo Vianna foi tema de um debate que se arrastou durante décadas. Em meados dos anos 90, nas reuniões do Orçamento Participativo do Bom Fim, foi decidido que uma das prioridades da região seria a reforma. A cobertura foi inaugurada em 4 de outubro de 1996, com show de João Gilberto, enquanto chovia do lado de fora.

Em 1988, o Araújo foi salão de festas do aniversário de 90 anos de Luís Carlos Prestes. Ninguém menos que Sebastião Bernardes de Souza Prata, mais conhecido como Grande Otelo, foi o mestre de cerimônias da comemoração, junto do músico Taiguara. Nos anos 70, Caetano Veloso sussurrou à capela “Se Acaso Você Chegassem”, de Lupicínio Rodrigues, e toda platéia cantou baixinho junto, no escuro da noite do parque. Carlos Cachoeira foi coordenador de música da Prefeitura de Porto Alegre durante os anos de intensa atividade no Araújo. “Lembro de um show da banda Tribo de Jah, esse promovido por alguma produtora, quando a capacidade para três mil e poucas pessoas do Araújo extrapolou em cinco mil. O chefe de segurança não sabia o que fazer, mas o show foi uma paz do início ao fim. Das promoções da Prefeitura, teve o show do Bezerra da Silva e o do Edu Lobo, também lotados. Hoje, é desnorteante ver o Araújo fechado, sem nenhum cuidado ou manutenção diária. A lona tinha que ser trocada, realmente, mas não precisavam fechar, imagina! Mesmo em todos esses anos sem manutenção nenhuma, a lona não caiu”, relembra Cachoeira.

O Auditório existe desde 1927, localizado onde hoje é o prédio da Assembléia Legislativa, onde existiam os tanques da Hidráulica Porto-Alegrense e a Bailante, na esquina da Praça da Matriz com a Rua Duque de Caxias. Ali, era uma concha acústica em estilo neoclássico a céu aberto, rodeada de bancos e caramanchões. O projeto e a construção foram responsabilidade do engenheiro italiano Armando Boni. Conta-se que a concha acústica foi um marco construtivo na cidade, e que, no dia da retirada das formas de concreto, muita gente foi assistir, acreditando que a estrutura iria desabar. Com a necessidade da construção de uma nova sede para a Assembléia, que deveria ser próxima às sedes do Executivo e do Judiciário, a sede do Araújo no Bom Fim foi projetada pelos arquitetos Moacir Moojen Marques e Carlos Maximiliano Fayet. A nova sede abrigava quatro vezes mais público do que a original, e foi inaugurada em 1964.

O Araújo Vianna está interditado pela Prefeitura Municipal desde 2005. A atual administração realizou licitação para que a iniciativa privada assumisse o Auditório e os custos da reforma. A Opus Promoções, empresa vencedora, indica como previsão de conclusão das obras o final de março de 2009. O projeto prevê uma nova cobertura fixa de alvenaria, que demanda também a instalação de um sistema de ar-condicionado. O palco, a platéia e as demais instalações também devem ser completamente reformadas. A obra, que está orçada em R\$ 7 milhões, deveria começar no segundo semestre de 2007. Até o fechamento desta edição, a reforma ainda não havia começado.



+1 foto



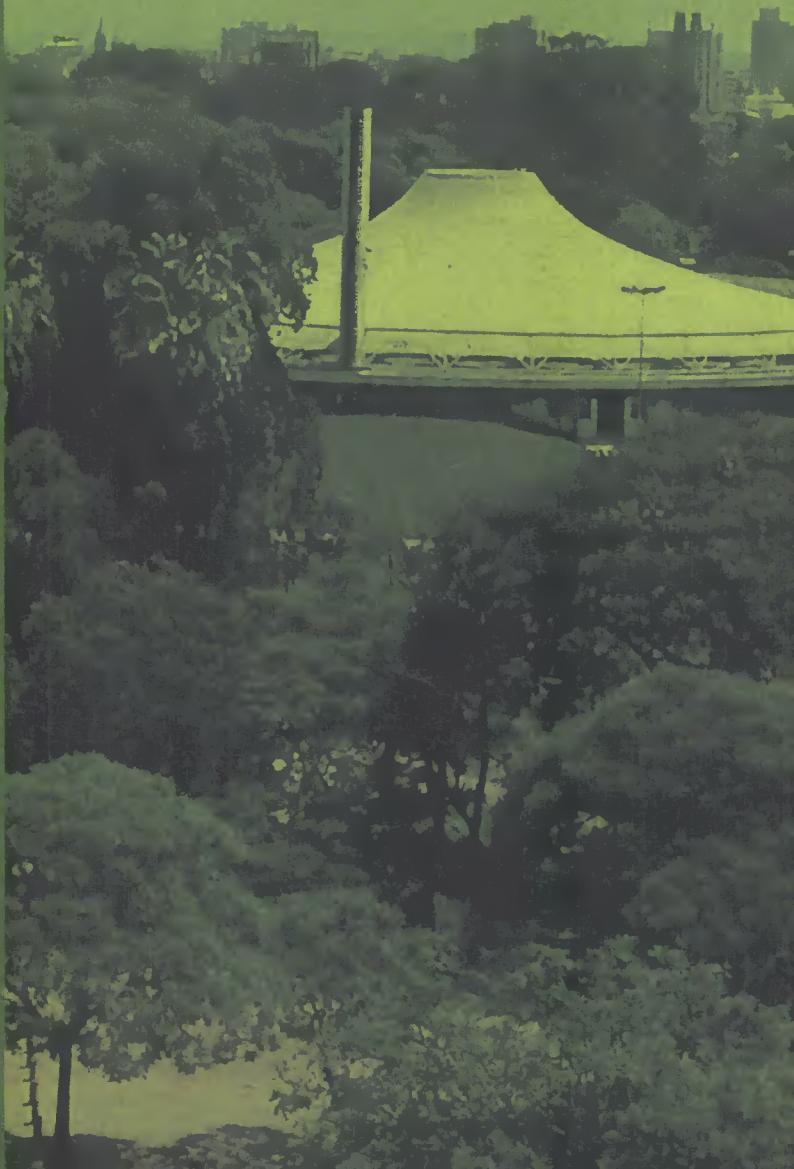
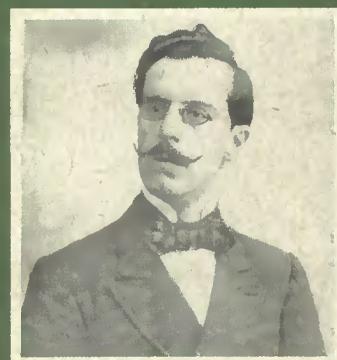
+1 Informação

A capacidade do auditório Araujo Vianna hoje é de três mil pessoas sentadas e a expectativa é de que o novo projeto mantenha um número de assentos muito próximo disso. A Sala Radamés Gnattali, localizada no interior do Auditório Araujo Vianna, tem palco, iluminação e sonorização preparada acusticamente para shows, concertos, palestras e cursos, com capacidade para 120 pessoas.

+1 História

José Araújo Vianna nasceu em Porto Alegre em 14 de fevereiro de 1872 e faleceu no Rio de Janeiro em 2 de novembro de 1916. Foi pianista, regente e compositor erudito. Aprendeu piano com professores do Rio

Grande do Sul, estado onde fundou a extinta Orquestra Filarmônica Portoalegrense. Com 22 anos, foi viver em Milão para continuar os estudos de Harmonia e Composição no Conservatório Real. Pianista talentoso, preferiu a carreira de professor. No retorno ao Brasil, compôs diversas obras para piano, violino e violoncelo, entre elas "Allegro appassionato". Aos 28 anos escreveu sua primeira ópera, "Carmela", apresentada no Theatro São Pedro, em outubro de 1902, pela primeira vez.



Parada militar com show da Banda Municipal no antigo endereço do Auditório. A foto é do arquivo do Museu Hipólito José da Costa.

a história DE QUEM FAZ

Arquivo Aduf�

1988

Indignados com o fato do então presidente da República, José Sarney, ter nomeado para reitor da Ufrgs o terceiro colocado da lista sétupla, Gerhard Jacob, estudantes invadiram o Conselho Universitário, ocuparam o RU do Campus do Vale e fizeram uma série de manifestações de rua. Na consulta à comunidade, primeira realizada desde o golpe de 1964, havia vencido o professor Alceu Ferrari, da Faculdade de Educação (Faced), atualmente aposentado.



ADufrgs 30
ANOS 1973-2003

ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS